

DEIXEM AS MÃES SEREM MÃES

por Cleane Barros

Membro da Comissão de Participação Institucional Feminina

Atualmente encontramos vasta literatura de especialistas que se propõem a orientar mães e pais em como tornar a responsabilidade de criação dos filhos uma tarefa menos complexa.

Afinal, as mães precisam de manuais? Cito aqui alguns conselhos que intitulam artigos diversos que sugerem não ser a maternidade uma responsabilidade simples, intrínseca e natural:

Como elogiar seu filho da maneira correta. Como criticar seu filho de forma adequada. Como ensinar seu filho a comer de forma saudável. Como perguntar ao filho como foi na escola. Como fazer seu filho criar anticorpos. Como deixar seu filho superar obstáculos. Como ajudar seu filho nas tarefas da escola. Como ajudar seu filho a se relacionar com as pessoas.

Conselhos são muito úteis, especialmente quando provêm de uma vasta experiência do passado ou de educadores e psicólogos que se debruçaram a estudar e entender padrões do comportamento humano. Mas o manual de cada mãe são seus próprios bebês, eles lhes mostrarão demandas únicas, personalidades singulares. Cada relacionamento mãe e filho é um livro a ser escrito no qual se vislumbram apenas ideias do que constará em seus capítulos.

Impossível prever as reviravoltas dessa história, os momentos de tensão e de felicidade que comporão essa trama, os personagens que virão desencadear conflitos, situações de pequenas e de grandes decisões, e tantas várias ocasiões marcadas pela oscilação entre a dependência e a autonomia.

Até que o tempo inverta os papéis desses protagonistas da vida e a personalidade do filho, lapidada por anos com carinho, autoridade e afeto, possa revelar para as mães, agora na posição de quem requer cuidados, que, seguindo sua intuição e seus princípios, elas fizeram o melhor por eles, ao educá-los para que se tornassem pessoas seguras, responsáveis, gratas e principalmente felizes.

Mães não seguem piamente regras rígidas estabelecidas por especialistas. Mesmo porque não têm tempo para consultar tantos sábios assim. As treinadas que conseguem reconhecer desde os diversos tipos de choro de seus bebês até a maneira certa de estimular (ou não prejudicar) sua autoestima, acabam por se deparar com situações que exigirão muito de sua intuição materna e feminina. E nessa hora, contará com um conhecimento empírico extraordinário e entenderá que a demanda de seu filho requer que seja protetora, acolhedora, conselheira, compreensiva, disciplinadora, controladora ou autoritária.

Mas dia das mães é para inspirar assuntos mais leves, mais ternos, mais suaves, nada parecidos com compêndios, tutoriais e diretrizes. Mães zelosas que não terão tempo para consultas a manuais saberão o que fazer. Afinal, ninguém desenhou nas cavernas da pré-história como criar os bebês. E mesmo assim, chegamos até aqui. Falemos então de **Pão, Leite e muito Afeto**.

PÃO

Entre porcarias, guloseimas, terra e alimentos... aí está uma das maiores, senão a maior, preocupação das mães de todos os tempos: a alimentação dos filhos. Como não se sentir responsável se elas se veem como fornecedoras de nutrientes ao ser que geram em seus ventres? Ao ter pela primeira vez o bebê em seus braços, naturalmente se reconhecem como responsáveis pelo ato de alimentar. E alimentam, alimentam muito. Mãe só se conforma se o filho estiver acima da curva estabelecida nos anais pediátricos como padrão normal do desenvolvimento infantil. E o cartão de vacinas da criança com o registro gráfico do aumento de peso é seu troféu de missão bem cumprida.

À memória me veio uma reportagem de uma senhora completando seus 90 anos de vida. Durante a entrevista chega a sua casa um de seus tantos filhos, acredito que ela nem saiba qual; também já pai e, provavelmente, avô. Ele põe a mão em seu ombro, ela o encara, interrompe a entrevista e lança sua pergunta: "Você já comeu?"

Será sempre nossa preocupação, parte de nosso prazer em cozinhar nossa angústia, por saber que para algumas delas, esse instinto natural é uma luta diária de sobrevivência. Perdão. Eu prometi que seriam assuntos leves... mas falar de mãe nunca é tão simples assim, nem emocional, nem fisicamente, haja vista que, estranhamente, de seu peito passa a jorrar quando se tornam mães, vejam só...



LEITE

Ah!... A amamentação. Que extraordinária solução biológica a evolução trouxe para as mães que, por decisão da natureza, geram seus filhos dentro do ventre, dão à luz, e por ser esta uma tarefa árdua, não estariam em plenas forças físicas para sair à procura de alimentos.

Não é uma missão lá muito tranquila, mas convenhamos, mulheres, é um prazer diferente e único que a vida nos proporciona. E quando uma relação mãe e filho já está mais estabelecida e as técnicas (de novo, não há tempo para ler os manuais) são enfim corretamente assimiladas por mães e bebês, torna-se ato de doação, de amparo, de nutrição, de confiança, de cuidado, de segurança, de dedicação.



Amamentar é responder à pequena angústia daquele ser e dizer: eu te sustento em meus braços e de mim sugarás algo precioso que te fará abrir os olhos, me reconhecer, crescer o cabelinho, aumentar suas forças, balbuciar os primeiros sons, se comunicar comigo, aprender a sorrir. É um combo de acontecimentos felizes. Muitas mulheres passariam toda a primeira infância assim. Porém, sabemos que aprender a comer é primordial para o crescimento e para a criança se reconhecer como um ser único, individual e diferente.

E eis que nos vem mais uma dolorosa etapa da vida: o desmame, tirar o filho dos braços para a cadeirinha de alimentação. Ser mãe é também aprender que há perdas necessárias. É um misto de felicidade e tristeza cada passo em direção à independência, mas compreendemos que aquele ser que tanto amamos terá uma vida repleta de relacionamentos e, para que possa amadurecer com o equilíbrio emocional necessário que requer a convivência, têm as mães uma vida inteira para moldar uma personalidade forte, corajosa, estável, amável e autoconfiante, construída com carinho e

MUITO AFETO

Há uma pergunta que os manuais podem se atrever a fazer: Como criar vínculo materno com seus filhos? Dizem especialistas que não é algo inato. Algumas mulheres discordam, sentem vontade de serem mães desde que elas mesmas, ainda crianças, brincavam de bonecas. Vontade essa que não se altera ou desaparece na adolescência e idade adulta. Sonham com um filho, imaginam sua aparência e tantas coisas que juntos poderão realizar. Quando seu desejo é concretizado e em seus braços entregam aquele pequeno ser... o mundo se torna outro lugar: diferente, mais bonito, perigoso e desafiante.

Mais uma vez, das mulheres é socialmente cobrado um padrão de comportamento incondicional e intransferível, que muitas vezes não considera suas emoções, frustrações e expectativas. No entanto, elas

provam que não é só o chamado instinto que as levam a cumprir, e muito bem, mais essa tarefa diante da família e da sociedade, mas um predispor-se ao amor, ao outro e a si mesma também, pois amor doado torna o ser que ama disposto a viver a dinâmica do sacrifício sem expectativas de reciprocidade. E isto é engrandecedor.

Sem falar que o afeto de mãe é o que fará com que seus filhos explorem outros relacionamentos. Seu carinho e atenção predisporá o bebê e a criança ao contato com as pessoas a fim de suprir necessidades várias. E claro que, mais uma vez, trará para essa relação um dos momentos culminantes da existência de cada um: o afastamento do filho desse colo confiável, quando se torna totalmente independente. Hora essa que, muito mais que uma perda intensamente sentida pelas mães, poderá ser um momento de realização, saudável, compensador e seu maior triunfo: enfim a compreensão da figura materna por parte dos filhos e a proximidade que sempre irá existir.

Inato ou não, dia a dia vai-se construindo afeto, num cotidiano repleto de diferentes emoções: alegria, dúvida, esperança, culpa e muito amor. Amor de Mãe. Leve, seguro e protetor.

